

ABORDAGEM DOS TEMPOS VERBAIS DO FUTURO EM LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO MÉDIO

Carlos Magno Costa e Silva

Fábia Rodrigues Porto de Oliveira¹

Universidade Federal de Campina Grande

Resumo: O presente artigo pretende analisar a abordagem adotada para o ensino dos tempos verbais do futuro em coleções destinadas ao Ensino Médio. A pesquisa é de cunho descritivo e exploratório, orientada pelos estudos sobre variação linguística (Travaglia, 2009 e Oliveira, 2006) e sobre uso dos tempos verbais do futuro no Português Brasileiro (Perini, 2010; Oliveira, 2006; Corôa, 2005; Cunha & Cintra, 1985). O corpus de análise consiste de duas coleções publicadas em 1990 e 2011. Os resultados da análise apontam avanços na abordagem do tema, levando em conta usos correntes da língua.

Palavras-chave: Variação linguística; Tempos Verbais; Livro Didático de Português.

Resumen: En este artículo se analiza el enfoque de la enseñanza de los tiempos verbales futuros en colecciones destinadas a la escuela secundaria. La investigación es un estudio descriptivo y exploratorio, guiado por los estudios de variación lingüística (Travaglia, 2009 e Oliveira, 2006) y en el uso del tiempo futuro en portugués de Brasil (Perini, 2010; Oliveira, 2006; Corôa, 2005, Cunha y Cintra, 1985). El corpus de análisis se compone de dos colecciones publicadas en 1990 y 2011. Los resultados del análisis indican avances en tratar el tema, teniendo en cuenta los usos actuales de la lengua.

Palabras clave: Variación lingüística; Tiempos Verbales; Português Libro de Texto.

1. Alunos do curso de Letras, licenciatura em língua portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). O trabalho foi desenvolvido para a disciplina Sociolinguística, sob a orientação da professora Maria Augusta Gonçalves de Macedo Reinaldo e pela monitora Dayana Medeiros Lira.

I. Introdução

A Gramática tradicional (GT) prima pela valorização da norma considerada “padrão”, tomando como referência exclusiva a língua escrita, enquanto a Sociolinguística enfoca a valorização das formas variadas dos discursos, considerando relevante buscar erradicar toda forma de preconceito linguístico, bem como o estereótipo ainda presente na nossa sociedade de que para se “falar/escrever bem e corretamente”, é necessário obedecer às normas da GT.

Nesse contexto, tanto a escola quanto o livro didático de língua portuguesa (LDP) têm papéis fundamentais na construção de uma nova metodologia de ensino/aprendizagem que enfoque as múltiplas variedades que a língua oferece. Esse é o enfoque recomendado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), onde a língua é conceituada como uma atividade sociointeracionista e histórica, com ênfase no domínio das práticas das línguas falada e escrita, cabendo ao ensino ampliar a mobilidade sociolinguística do aluno para a compreensão das variações linguísticas. Desta forma, os PCNs se fundamentam nos estudos sociolinguísticos dos fenômenos das modalidades falada e escrita da língua, sugerindo mudança no ensino dos conceitos de língua presentes em nossas escolas.

Da mesma forma, o Programa Nacional do Livro Didático de Ensino Médio (PNLD-EM), a partir de 2005, vem incluindo a variação linguística como um critério de avaliação na abordagem do eixo dos conhecimentos linguísticos nas coleções destinadas a esse nível de ensino. Nesse quadro, torna-se relevante estudar as repercussões dessa orientação oficial sobre as propostas de livros didáticos.

Este artigo observa duas coleções de livros didáticos do Ensino Médio publicadas em 1990 e 2011, com o objetivo de verificar como se dá a abordagem para o ensino da variação verbal do futuro do presente

no espaço de duas décadas. Foram selecionados volumes das coleções de Faraco e Moura (1990) e de Faraco, Moura e Maruxo Júnior (2011).

Para o alcance desse objetivo, além da introdução, três seções são apresentadas na organização deste artigo: a primeira consiste de uma breve revisão dos conceitos de norma e variação linguística, bem como das contribuições sobre os usos dos tempos futuro no português brasileiro; a segunda seção apresenta a análise da abordagem adotada nas coleções selecionadas para o ensino do futuro do presente; a terceira seção levanta alguns pontos para considerações finais do estudo realizado.

2. Revisão de conceitos

2.1 Variação linguística

A partir da década de sessenta do século XX, estudos sobre a língua passaram a mostrar que em uma mesma comunidade é possível observar que não há um uso linguístico homogêneo. Com essa reflexão, introduziu-se a noção de variação linguística como objeto de investigação, tarefa que coube a um grupo de pesquisadores, liderados por William Labov, o qual se tornou um dos responsáveis pelo desenvolvimento desta área da Linguística de uma área denominada de Sociolinguística.

Entendendo que a Sociolinguística pode ser definida como “o estudo da variação na língua ou, mais precisamente, como o estudo da variação no interior de comunidades da fala” (Trask, 2006 p.277), temos que este ramo da linguística estuda a relação entre língua e sociedade, correlacionando variações existentes na expressão verbal e as diferenças de natureza social. Portanto, a variação apresenta correlações com a estratificação social, razão por que a língua portuguesa no Brasil, falada por mais de 190 milhões de habitantes, varia de acordo com vários fatores, como status social, sexo, grau de instrução, profissão, estilo pessoal, região de origem do falante, entre outros.

Nesse sentido, os estudos sociolinguísticos têm mostrado que no contexto geral a língua é heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre se reconstruindo, pois se trata de um processo não concluído, uma atividade social que se realiza através da fala e da escrita por meio dos interlocutores. Dessa forma, os estudos sobre variação linguística registram pelo menos seis dimensões de variação dialetal: a territorial, a social, a de idade, a de sexo, a de geração e a de função (Travaglia, 2009).

Ainda sobre a variação linguística, Oliveira (2006) chama a atenção para a estreita relação entre os fenômenos linguísticos e sociais como o campo de estudo da sociolinguística:

Por ser impossível desvincular a língua de sua função sócio-comunicativa, a sociolinguística é entendida como um espaço de investigação interdisciplinar que estuda e correlaciona aspectos dos sistemas linguísticos e dos sistemas sociais, focalizando empregos concretos da língua. (Oliveira, 2006 p.44)

Deste modo, pode-se dizer que tomando a língua em seu aspecto sócio-comunicativo, a sociolinguística estuda a relação entre os sistemas linguísticos e sociais, com um olhar mais voltado para os usos concretos, de modo que se constitua numa área voltada para o caráter social da língua.

2.2 Uso dos tempos verbais do futuro

Considerada como uma classe de palavras universal por estar presente em todas as línguas, o verbo em uma língua é sempre considerado como uma classe importante, pois denota um processo e, gramaticalmente falando, é marcado quanto ao tempo e apresenta uma concordância.

Uma questão atual relevante para o ensino de Português no Brasil é o fato de a maioria dos autores de gramáticas tradicionais e de livros

didáticos enfocarem apenas o estudo do futuro do presente do indicativo simples. Alguns mencionam o uso do presente do indicativo com valor de futuro para anunciar um acontecimento próximo. Um exemplo disso é apontado por Coelho (2007) em Almeida (1992, p.228), o qual conceitua este diferente uso do indicativo utilizando a forma perifrástica com o verbo *ir* no infinitivo, “ação que irá realizar-se”.

No entanto, os estudos mais recentes enfocam a variação do futuro do indicativo, no Português Brasileiro (PB), como uma estrutura diferenciada em relação aos aspectos morfossintáticos. Sob esse aspecto, Oliveira (2006), por exemplo, salienta as formas variantes:

(...) salientaremos a expressão do futuro, que de acordo com a descrição realizadas nesses estudos, pode apresentar seis variantes: a) a forma do futuro simples (“No próximo mês viajarei para o exterior”); b) a forma de presente (“No próximo mês viajo para o exterior”); c) a forma perifrástica com o verbo *IR* no presente+infinitivo (“No próximo mês vou viajar para o exterior”); d) a forma perifrástica com o verbo *IR* no futuro+infinitivo (“No próximo mês irei viajar para o exterior”); e) a forma perifrástica com o verbo *haver* no presente+de+infinitivo (“No próximo mês hei de viajar para o exterior”); f) a forma perifrástica com o verbo *haver* no futuro+de+infinitivo (“No próximo mês haverei de viajar para o exterior”).” (Oliveira, 2006 p.17).

Apesar de as gramáticas tradicionais apresentarem apenas três tempos para o futuro (o do presente, o do pretérito e o do subjuntivo), sua expressão apresenta uma produtividade muito maior, principalmente através de perífrases verbais, em que os verbos *ir* e *haver* possuem a função de se associarem com os verbos na forma infinitiva para expressar a ideia de futuro.

Na perspectiva da escrita, a autora nos mostra a tendência para a variação do Português Brasileiro, ao afirmar que “(...) embora o futuro simples continue a predominar na escrita, a perífrase com *ir* + infinitivo, da década de 70 para a de 90, atinge outros contextos que antes favoreciam a forma simples, mas ainda é minoritária.” (OLIVEIRA, 2006 p.194).

Cunha & Cintra (1985) focalizam o verbo como “uma palavra de forma variável que exprime o que se passa” (p.323) (um acontecimento representado no tempo) que não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja privativa, mas que se individualiza pela função obrigatória de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional. Para esses autores, o verbo “apresenta as variações de número, de pessoa, de modo, de tempo, de aspecto e de voz”. Informam que o tempo é “a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo” e que o futuro designa um fato ocorrido após o momento em que se fala. Quanto à formação dos tempos futuro do presente e futuro do pretérito do modo indicativo, informam que, na forma simples, são formados pelo acréscimo das terminações aos verbos no infinitivo e, na forma composta, pelo futuro do presente ou do pretérito simples do verbo *ter* com o particípio do verbo principal.

Já Perini (2010) aborda o tempo verbal do futuro de maneira mais simples e resumida. Para ele, o lexema verbal é, de longe, o mais rico da língua, e apresenta características peculiares: “são palavras que se opõem em tempo, modo, pessoa e número” (p.307). Ainda para o autor, “o paradigma de um verbo deve incluir não apenas formas simples (isto é, formadas de uma única palavra), mas também de formas compostas; e as formas compostas são formadas dos auxiliares *ter* (+particípio verbal); *estar* (+ gerúndio); *ir* (+ infinitivo)” (p.220).

Cabe salientar que Perini, ao contrário de Cunha & Cintra, considera que o tempo futuro do Português Brasileiro está presente apenas no modo subjuntivo, sendo este idêntico em todos os verbos regulares, com tendência também nos irregulares. Salienta esse autor que o futuro

simples “é de uso muito raro no PB, e pode ser considerada uma forma própria do padrão escrito”, pois a noção de futuro se expressa através da construção “formada do auxiliar ir + o infinitivo, que podemos chamar de futuro composto”, podendo ser expresso também pelo presente simples. Já o condicional (futuro do pretérito) aparece com maior frequência no PB, sendo usado para expressar um evento que poderia ocorrer caso este evento já tivesse ocorrido (uso mais raro no PB) ou para fazer um pedido de maneira mais polida, podendo ser substituído pelo imperfeito do indicativo.

Essa linha de reflexão pode ser encontrada em Corôa (2005), que defende a hipótese “de que o futuro, qualquer que seja sua ligação por natureza com o possível, o virtual e o incerto, expressa sempre um pensamento que parte do possível para a certeza: interpretações antecipadas sobre esse movimento fornecem os empregos temporais” (CORÔA, 2005.p.56).

Ainda observando as tendências da expressão do futuro verbal em português, Oliveira (2006) mostra que:

A variação entre as formas de expressão do futuro verbal em português é mais acentuada, atualmente, entre as variantes sintética (futuro simples) e analítica (futuro perifrástico). Tendo como hipótese uma mudança morfossintática em curso, não se descarta, porém, que essa mudança passa também pelo domínio semântico, pragmático e discursivo. (Oliveira, 2006 p. 53)

Desta forma, as expressões verbais de futuro variam atualmente por possuírem duas formas, uma sintética expressa por futuro simples e outra analítica representada por perífrases. Apesar de esse processo se encontrar presente somente no nível morfossintático, é possível que se alcance os níveis relacionados ao sentido, como o semântico, o pragmático e o discursivo.

3. A abordagem do tempo verbal do futuro em coleções didáticas de diferentes décadas.

Conforme informado na introdução, foram selecionadas para análise duas coleções de livros didáticos do ensino médio, em razão da alteração ocorrida na autoria e no título da obra nas duas edições estudadas: a primeira, de 1990, sob o título *Língua e Literatura*, com autoria creditada a Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura, e a segunda, de 2011, sob o título *Língua Portuguesa Linguagem e Interação*, com autoria creditada a Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura e José Hamilton Maruxo Júnior. Ambas as coleções foram publicadas pela Editora Ática e compreendem três volumes.

3.1 A abordagem de Faraco & Moura (1990)

Na coleção de Faraco & Moura (1990), os conteúdos encontram-se divididos em quatro seções bastante marcadas: I-Texto, II- Literatura, III- Gramática e IV- Redação. Nelas se leva em conta apenas a língua escrita.

Na seção III, que corresponde aos conteúdos gramaticais, o verbo encontra-se abordado no volume 2, explicado através de conceitos e quadros de modo geral, tomando-se como referência o padrão escrito.

Exemplo 01:

D - Tempo

Indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo

Os três tempos básicos são o presente, o pretérito e o futuro.

Indicativo

Presente:	falo
Pretérito:	a) imperf.: falava
	b) perf.: falei
	c) mais-que-perf. : falara

Futuro:	a) do pres.: falarei b) do pret.: falaria
Subjuntivo	
Presente:	fale
Pretérito imperfeito:	falasse
Futuro:	falar

(Faraco & Moura 1990, Vol. 2 p.23-24)

É possível observar que a abordagem acerca do verbo, em especial na categoria *tempo*, é feita de modo bastante simplificada. Em relação ao tempo do futuro, Faraco & Moura (1990) apresenta-o aos moldes da gramática tradicional, seguindo a subdivisão em três tempos: no indicativo, o futuro do presente e o do pretérito e o futuro do subjuntivo.

Segue-se um exercício com quatro atividades, em que apenas as questões *f*, *g* e *h* da atividade quatro tratam das formas verbais do futuro, associadas ao conteúdo da voz passiva, conforme o exemplo transcrito a seguir, em que são apresentadas as expectativas de respostas.

Exemplo 02:

Passe as frases abaixo da voz passiva para a sintética:

(...)

f- Seriam resolvidos todos esses problemas

R: Resolver-se-iam todos esses problemas

g- O piano não será vendido.

R: Não se venderá o piano.

h- Será efetuado o pagamento só no mês que vem.

R: Efetuar-se-á o pagamento só no mês que vem.”

(Faraco & Moura 1990, Vol. 2 p.173)

Nesta atividade, a exemplo do que ocorre com a exposição teórica, não há um tratamento específico para as expressões do futuro: o conteúdo é focado com frases descontextualizadas, sugerindo a forma do padrão escrito como a única recomendada como correta, devendo por isso ser objeto de ensino e aprendizagem.

3.2 A abordagem de Faraco, Moura & Maruxo Jr. (2011)

Na coleção Faraco, Moura & Maruxo Jr. (2011), o conteúdo de língua portuguesa é apresentado em oito seções: Para entender o texto, As palavras do contexto, Gramática textual, Literatura: teoria e história, Linguagem oral, Língua-análise e reflexão, Prática de linguagem e Produção escrita.

Observa-se que esse número de seções procura dar conta de vários conteúdos como objetos do ensino de língua e de literatura, o que pode ser explicado pela influência dos estudos linguísticos sobre o ensino. Dentre essas influências, pode-se salientar a referência à língua falada como objeto de estudo, bem como a denominação de “análise e reflexão” para o estudo dos conteúdos gramaticais, orientada pela perspectiva do contexto de uso.

Assim o conteúdo do verbo é abordado no primeiro volume da coleção, sendo reservadas, nas seções Língua- análise e reflexão e Prática de linguagem, dois capítulos para a sua abordagem. Ao conteúdo tempos verbais do futuro é reservado um espaço nessas seções, no capítulo 10 (p. 292- 297).

O assunto é introduzido através de um pequeno trecho, seguido de algumas questões de interpretação de texto. Logo em seguida, apresenta-se a descrição dos tempos verbais do futuro tanto na forma simples como na forma perifrástica. Observe-se o trecho:

Exemplo 03:

Em português, no modo indicativo, há quatro tempos que expressam o futuro: o futuro do presente, o futuro do presente composto, o futuro do pretérito simples, o futuro do pretérito composto.

(Faraco, Moura & Maruxo Jr. 2011, Vol. I p.293)

Após esta classificação para as formas de expressão do futuro, segue-se um exercício com três atividades sobre os tempos verbais, tanto em forma simples quanto em sua forma composta, levando-se em conta a situação de uso dessas formas. No segundo momento, ainda dentro da seção Língua-Análise e Reflexão, o assunto é abordado sob o tema “A expressão do futuro e os níveis de linguagem”, em que se trabalha a ideia de futuro em verbos com a forma do presente do indicativo, como se observa no trecho a seguir:

Exemplo 04:

Numa situação de fala informal (uma conversa entre dois amigos, por exemplo), dificilmente utilizamos o futuro do presente do indicativo. Em seu lugar, empregamos outras expressões verbais. Observe:

Amanhã não tem aula

Nessa frase, o verbo *ter*, mesmo expressando futuro, está no presente do indicativo.

Para expressar o futuro do presente, dependendo da situação de comunicação, do nível de linguagem e do gênero do texto, são empregadas *locuções verbais* (a mais comum é *verbo ir + indicativo*) ou o presente do indicativo.

(Faraco, Moura & Maruxo Jr. 2011 Vol. 2 p.295)

Nesta parte da seção, vemos como os autores levam em conta o confronto das formas padrão e coloquial, de modo a expor ao aluno o conhecimento de que não existe apenas uma variante linguística, aquela idealizada pela norma-padrão, mas também a variante coloquial, que expressa ideia do futuro nos registros informais.

Para reforçar a ideia do futuro nos diferentes registros de linguagem, aplica-se um exercício contendo duas atividades em que se pede a reescrita de frases substituindo as formas verbais da linguagem padrão pelas empregadas na linguagem coloquial.

Exemplo 05:

01) No caderno, reescreva as frases a seguir, substituindo as formas verbais destacadas por outras empregadas na linguagem coloquial.

a) No mês que vem, viajaremos para Belém, capital do Pará.

R: vamos viajar

(Faraco, Moura & Maruxo Jr. (2011), Vol. 2 p. 295).

Na seção chamada “Prática de linguagem”, o tempo verbal é abordado com foco também voltado ao uso. Inicialmente, é apresentado um trecho extraído de um livro para que se possa observar a ocorrência do futuro. Em seguida, apresenta-se de modo bastante breve o enredo do livro, seguido de um comentário sobre as autoras da obra.

No final da seção vem um exercício contendo duas atividades. Na primeira se contempla, através de alternativas de a até c, o uso das ocorrências do tempo futuro, destacando-se uma questão que incentiva a reflexão do aluno sobre o que cada forma verbal, seja na forma simples seja na forma composta, quer expressar, como mostra o exemplo 06: “(...) De acordo com seu modo de ver, quais são os efeitos de sentido de cada uma das formas verbais?” (Faraco, Moura & Maruxo Jr. (2011), Vol. 2 p. 295).

Na segunda atividade, também se discute o efeito de sentido que cada forma verbal pode apresentar, através da resolução da questão em trio, em que todos os integrantes escrevem frases com a seguinte situação: “Em uma loja, o (a) vendedor (a) tenta convencer um (a) jovem a comprar determinado par de tênis” (Faraco, Moura & Maruxo Jr. 2011, Vol. 2 p.296), em que os alunos devem criar respostas para essa situação utilizando nas frases o futuro do presente simples para expressar o futuro, a locução verbal *ir* no presente do indicativo + o verbo no infinitivo usada e o presente do indicativo para expressar futuro, fazendo com que o aluno tente perceber quais sentidos cada meio diferente de expressar futuro tem.

Com esta atividade, o aluno é estimulado a utilizar e perceber as diferentes formas de uso, de modo que se permita, a partir de um exercício de prática de língua, a cada aluno construir os usos sobre as formas verbais do futuro.

Portanto, a comparação das duas coleções permite-nos afirmar que a abordagem apresentada por Faraco, Moura e Maruxo Jr. (2011) trata a temática de maneira mais próxima às formas verbais que estão sendo utilizadas, levando em conta a variação linguística, enquanto a abordagem presente na coleção de 1990, de autoria de Faraco e Moura, centra-se apenas na escrita padrão, desprezando a variação nas formas de expressão do futuro.

4. Considerações finais

Neste trabalho, procuramos descrever como se encontra a abordagem dos tempos verbais do futuro em duas coleções de livros didáticos de décadas diferentes, considerando a influência dos estudos acerca da variação linguística, em particular, acerca dos usos das expressões verbais do futuro.

Os resultados da análise mostram que o conteúdo “tempos verbais do futuro”, na coleção de Faraco & Moura (1990), encontra-se abordado,

de modo amplo, na seção de gramática, através de atividades que ilustram apenas o português escrito no registro formal com futuro simples.

Já a coleção de autoria de Faraco, Moura e Maruxo Jr. (2011) apresenta uma abordagem diferenciada. Inicialmente, os autores refletem sobre as formas verbais do tempo futuro em dois momentos, sendo o primeiro uma observação das coocorrências das variantes padrão e coloquial, permitindo observar outras formas de uso da ideia de futuro, além das presentes na norma-padrão escrita. No segundo momento, os autores focam a reflexão tanto na questão das ocorrências de uso do futuro, quanto nos efeitos de sentido que cada uma dessas formas pode expressar. Reconhecer essa heterogeneidade representa um passo na mudança da ideologia do monolinguismo no Brasil, lançando luzes sobre a heterogeneidade da língua na nossa sociedade. Além disso, ajuda a desconstruir a noção de erro presente no enfoque dado pela Gramática Tradicional.

Embora o corpus de análise tenha se limitado a duas coleções, o estudo aqui realizado evidencia a presença das contribuições das vertentes variacionista e interacional da Sociolinguística no ensino de língua portuguesa. Essa evidência aponta para a necessidade de que a formação docente seja contemplada com essa discussão teórica e com sua didatização.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.
- CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. *O tempo nos verbos de português*. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português brasileiro*. 5ª ed. 5ª reim. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

FARACO, Carlos Emílio & MOURA, Francisco Marto de, *Língua e Literatura*. 1.ed. São Paulo, Editora Ática, 1990. 3v. Vol. 2.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. MARUXO JR, José Hamilton. *Língua Portuguesa Linguagem e Interação*. São Paulo: Editora Ática, 2011. 3 v. Vol. 1.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática do português brasileiro*. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

TRASK, R.L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Tradução: Rodolfo Ilari. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. Cortez Editora 14. ed. São Paulo.